

Uma Aplicação do Modelo de Thirlwall-Mc Combie para a América Latina e o Caribe Utilizando Dados em Painel

Ricardo Agostini Martini (CEDEPLAR – UFMG)

Resumo: O presente estudo tem o objetivo de verificar empiricamente a relação entre o comércio internacional e o crescimento econômico da América Latina e do Caribe no período recente, sob a ótica do modelo de Thirlwall. Ao contrário da literatura tradicional sobre o assunto, que realiza estimações pelo método de mínimos quadrados empilhados, aqui procura-se testar técnicas para dados em painel, como forma de se controlar a heterogeneidade das economias de cada país da região. Os resultados empíricos, além de ressaltar o melhor ajuste dos modelos de painel aos dados, mostram que, embora a elasticidade-renda das importações tenha se comportado estavelmente nas últimas décadas, houve uma tendência autônoma de elevação da demanda por importações na região. E ainda, a taxa de crescimento da América Latina e Caribe compatível com equilíbrio na balança comercial apenas beira os 3% anuais, taxa que se considera excessivamente baixa para que os seus países possam superar suas condições de subdesenvolvimento.

Palavras-chave: Lei de Thirlwall, macroeconomia aberta, modelos de dados em painel, América Latina

Classificação JEL: C23, E12, F43, O54

Abstract: The main focus of this paper is verifying empirically the relationship between international trade and economic growth of Latin America and Caribbean in the recent period, based on the model developed by Thirlwall. Unlike the traditional bibliography about this topic, that makes estimations based on models of pooled ordinary linear squares, this paper attempts to test techniques of panel data models, with the aim of control heterogeneity of each country economy in the region. Empirical results, besides shining better fit of panel data models to the data, show that, even though income-elasticity of imports have been stable in the last decades, there was an autonomous rising tendency of demand for imports in the region. And besides, Latin America and Caribbean growth rate compatible with foreign trade equilibrium is just close to 3% by year, a rate that is considered insufficient in order to make the countries able to overcome their socio-economical underdevelopment.

Key Words: Thirlwall's Law, open macroeconomics, panel data models, Latin America

JEL Classification: C23, E12, F43, O54

1 – Introdução

A preocupação com o papel do setor externo para o crescimento das economias latino-americanas e caribenhas esteve presente nas diretrizes de política econômica em todo o seu desenvolvimento histórico. Das suas independências até a década de 1930, o setor exportador era o carro-chefe do dinamismo econômico em todos os países da região. Desde a década de 1930 até meados da década de 1980, os países latino-americanos mantiveram um modelo de desenvolvimento econômico fechado, baseado no protecionismo e na produção para o mercado interno. A partir dos anos oitenta, esse modelo entrou em uma grave crise, que restringiu o crescimento econômico da região durante cerca de uma década. No final dessa década, uma reunião de instituições econômicas internacionais foi realizada em Washington (EUA), na qual foram recomendadas uma série de políticas liberalizantes para a América Latina e o Caribe, de modo a recuperar a trajetória de crescimento, pelo estímulo às exportações e aos investimentos privados, e propiciar uma melhora alocação de recursos em suas economias nacionais, em detrimento das ineficiências acumuladas pelo excesso de proteção nas décadas anteriores.

Durante a década de noventa, os países da região adotaram políticas nesse sentido, em maior ou menor grau. Contudo, é tema de estudos e controvérsias a possibilidade da demanda por importações na América Latina crescer com maior intensidade ao longo do tempo do que a demanda externa por suas exportações, de modo que os países da região venham a atravessar constantes desequilíbrios comerciais, o que provocaria a constante tomada de políticas corretivas, contracionistas de demanda, que restringiriam o crescimento. Nesse sentido, aplicações empíricas do modelo de Thirlwall-Mc Combie para a região são cada vez mais populares entre os pesquisadores. Segundo essa teoria, a taxa de crescimento de equilíbrio de um país é uma taxa de crescimento compatível com o equilíbrio de sua balança de pagamentos, determinado, por sua vez, pelas elasticidades-renda das importações e exportações do país.

O objetivo do presente trabalho é estimar o modelo de Thirlwall & Mc Combie, de modo a testar empiricamente a relação entre comércio internacional e crescimento econômico na América Latina e no Caribe. Particularmente, busca-se testar a hipótese de que a liberalização comercial realizada no início da década de noventa restringiu a taxa de crescimento de equilíbrio na região, em comparação com a década anterior. Aqui, ao contrário da maior parte dos outros estudos sobre o tema, se procurará estimar as elasticidades presentes no modelo como se fossem agregados para toda a região, controlando-se os efeitos fixos individuais, e, para isso, será utilizada a metodologia de dados em painel.

Na segunda parte do trabalho, será discutida o papel da política comercial nos modelos de desenvolvimento latino-americanos, desde o modelo de Industrialização por Substituição de Importações, até o Consenso de Washington, seguido atualmente.

Na terceira parte do trabalho, será desenvolvido o modelo de Thirlwall & Mc Combie. Na quarta parte, será apresentado um resumo sobre as técnicas de dados em painel utilizadas para estudo empírico, assim como os dados e as variáveis de suas estimativas. Os resultados serão abordados na quinta parte do estudo, que procurará investigar as variáveis econômicas latino-americanas e caribenhas comparando as técnicas de painel utilizadas (primeiras diferenças e efeitos fixos), com a técnica de mínimos quadrados empilhados tradicionalmente utilizada.

2 – Inserção Internacional das Economias Latino-Americanas em uma Perspectiva Histórica: da Substituição de Importações à Liberalização do Comércio

Da década de 1930 até o final da década de 1970, a regra geral das políticas comerciais das economias latino-americanas foi, na maioria dos casos, pautada pelo protecionismo aduaneiro. As autoridades econômicas dos países, com o objetivo de proteger suas indústrias nascentes, levantavam uma série de restrições comerciais e cambiais à importação de bens industrializados, tais como a introdução de taxas de câmbio múltiplas, tarifas protecionistas para importação de bens com similares produzidos nacionalmente, e a imposição de licenças e de quotas para importações¹.

A base teórica que dava sustentação a essas políticas protecionistas, e ao modelo de desenvolvimento por substituição de importações em geral, foi o pensamento econômico da CEPAL, liderada pelo economista argentino Raúl Prebisch (1901-1986). De acordo com sua teoria do comércio internacional, denominada de hipótese Prebisch-Singer, haveria uma dualidade na economia internacional, representada pela coexistência de economias desenvolvidas industrializadas e economias subdesenvolvidas agro-exportadoras.

Segundo o autor, haveria uma tendência estrutural para a deterioração dos termos de intercâmbio (razão entre os preços dos bens exportados e dos bens importados) dos países exportadores de bens primários, por três mecanismos. Primeiro, porque a elasticidade-renda e a elasticidade-preço dos bens primários são menores do que as de bens industrializados, fazendo com que, o crescimento econômico dos países subdesenvolvidos, de economia agro-exportadora, acabaria sendo sempre restringido por déficits na balança de pagamentos, já que as importações tenderiam a crescer em ritmo superior do que exportações (PREBISCH, 1951). Segundo, a produção de bens industrializados estaria mais relacionada ao progresso tecnológico do que a produção de bens primários, proporcionando ganhos contínuos de produtividade aos países desenvolvidos (PREBISCH, 1950). Terceiro, os países industrializados apresentariam mercados de bens menos competitivos e mercado de trabalho mais rígido, de modo que os ganhos do progresso técnico são apropriados pelos fatores de produção, principalmente pelos trabalhadores, e os preços de sua produção seriam menos sensíveis às oscilações econômicas internacionais. Em, economias agro-exportadoras, por outro lado, isso não aconteceria, de modo que os ganhos do progresso tecnológico acabariam sendo apropriados pelos consumidores estrangeiros (PREBSICH, 1949).²

É inegável que o modelo de ISI proporcionou uma considerável contribuição para o crescimento e o desenvolvimento das economias latino-americanas. Contudo, o modelo de ISI acabou entrando em constantes crises, e posteriormente, após as choques do petróleo (década de 70), em colapso, devido a seus próprios problemas internos. Em primeiro lugar, por causa da insustentabilidade dos constantes desequilíbrios comerciais, já que as exportações eram penalizadas pelas políticas cambiais adotadas, de apoio à sobrevalorização real³. Em segundo lugar, pela distorção exercida pelos mecanismos de proteção na relação entre preços internos e internacionais, o que incentivou uma menor eficiência da produção doméstica dos países latino-americanos. Desse modo, as indústrias da região acabaram nunca

¹ Detalhes mais técnicos sobre a importância das políticas cambiais e aduaneiras para o protecionismo nas economias latino-americanas durante esse período estão presentes no estudo de Cardoso & Helwege (1993).

² Além da hipótese Prebisch-Singer, Cardoso & Helwege (1993) apontam outros fatores, de ordem econômica ou política, que justificaram a implementação do modelo de substituição de importações nas economias latino-americanas.

³ As taxas de câmbio reais valorizadas traziam o benefício de baratear os custos das indústrias nacionais dependentes de insumos importados, o que era favorável para a elevação do bem-estar da população como um todo – produtores e consumidores.

se tornando internacionalmente competitivas ao longo do período em que vigorou a ISI. De acordo com Cardoso & Helwege (1993, pg. 88):

Vencidos os estágios iniciais do processo de industrialização, os países latino-americanos continuaram a se apoiar pesadamente em barreiras comerciais, tarifárias e não-tarifárias, mas suas indústrias não conseguiram competir no mercado mundial. As implicações eram de dupla natureza: os latino-americanos pagavam preços elevados por certos produtos fabricados em seus países, de qualidade inferior, e não tinham cobertura cambial para as importações essenciais.

A diversa literatura sobre a crise do modelo de Industrialização por Substituição de Importações (ISI) na América Latina, aponta, além de fatores individuais isolados para cada país da região, uma série de problemas comuns a todas essas economias. Em primeiro lugar, como já referido, a tendência estrutural a desequilíbrios externos. Além disso, a literatura cita a escassez de divisas geradas internamente na região, fazendo com que as economias dependessem cada vez mais de endividamento externo para financiar seus investimentos.

A literatura também aponta diversos outros fatores como contribuintes para a crise do modelo de ISI na América Latina. Por exemplo, Coutinho (1996) destaca que a tendência ao déficit orçamentário por parte dos governos latino-americanos, com impactos negativos sobre a estabilidade monetária e o endividamento externo de suas economias, limitou o ânimo dos empresários estrangeiros a realizar investimentos diretos em setores de maior risco nas economias latino-americanas (COUTINHO, 1996); a crise do endividamento externo, estourada pela elevação dos juros internacionais após o segundo choque do petróleo, em 1979 (BENECKE & NASCIMENTO, 2003); a defasagem tecnológica da produção doméstica protegida, e seus impactos regressivos sobre a distribuição de renda (BAER, 2002); a mobilidade crescente de fluxos financeiros em nível internacional, que constrangeu a realização de políticas econômicas expansionistas (FRANCO, 1999); e a deterioração institucional dos mecanismos de planejamento econômico adotados pelos países, e essenciais ao modelo de ISI (BAER, 2002).

Todos esses problemas, que acarretaram no fim da ISI, fizeram com que a década de 1980 fosse denominada pela literatura em geral como uma “década perdida”, isto é, de transição entre modelos de desenvolvimento econômico na América Latina. Nesse período, as economias da região se voltaram para a correção de seus desequilíbrios macroeconômicos, como a estabilização de preços, e para a realização de reformas estruturais, de modo a estimular a inserção internacional de suas produções, e de reduzir o papel do Estado na economia. A preocupação com o crescimento econômica acabou posta de lado.

BAER (2002) aponta dois motivos fundamentais para a liberalização comercial e econômica dos países latino-americanos após a crise do modelo de Industrialização por Substituição de Importações (ISI). Primeiro, a necessidade das economias da região de aumentar e melhorar suas exportações, de modo a corrigir o até então estrutural desequilíbrio externo. Segundo, pela pressão externa por parte dos credores das suas dívidas, que procuravam sinalizações de bons fundamentos macroeconômicos (como a redução do déficit público e da inflação) para continuar investindo nessas economias.

CARNEIRO (2002) sintetiza o debate, colocando a nova liberalização comercial como um modelo de desenvolvimento econômico baseado na concorrência. Segundo o autor (2002, pg. 310):

O novo modelo de crescimento colocar-se-ia como uma alternativa radical ao desenvolvimentismo ao definir a concorrência como motor primordial do processo. Ou seja, em substituição às políticas de demanda ou de garantia de mercado decorrentes do primeiro paradigma propõe-se uma política de oferta, sintetizada na ampliação da concorrência. Esse seria o mecanismo central de estímulo à

incorporação de novas tecnologias, sustentando o ciclo virtuoso de aumento de produtividade e salários reais.

Os meios para se incentivar a concorrência segundo CARNEIRO (2002) são os mesmos apontados como bases do novo modelo de liberalização comercial por BAER (2002). Em primeiro lugar, pela abertura comercial, de modo a elevar o volume de entrantes no mercado interno, elevando assim a concorrência⁴. Em segundo lugar, pelas privatizações, de modo a eliminar antigos monopólios estatais.

As novas diretrizes de política econômica de acordo com o novo modelo foram muito bem sintetizadas por um artigo de John Williamson, escrito em 1989, que ficou internacionalmente conhecido pelo nome de “Consenso de Washington”. Esse trabalho consiste em uma lista de dez políticas, que consiste em um resumo das proposições das principais instituições econômicas mundiais, para orientar as reformas estruturais na economias americanas, com o objetivo de recuperar o seu crescimento após a crise dos anos oitenta.

Das dez políticas listadas no Consenso de Washington (WILLIAMSON, 2004), duas são diretamente relacionadas à política comercial:

- a) Introdução de sistemas cambiais unificados e competitivos em cada país;
- b) Liberalização do comércio internacional;

Em primeiro lugar, como um sistema cambial unificado e competitivo, o autor sugere que o comércio internacional deve ser um dos motores do crescimento econômico latino-americano no novo modelo, e a taxa de câmbio deve ser utilizada nesse sentido, para estimular as exportações. Contudo, o autor afirma que os modelos cambiais adotados pelos países da região devem ser unificados, isto é, de taxas únicas, fixas ou flutuantes, mas não de variações mais criativas, como as taxas múltiplas.

Já no que diz respeito à liberalização comercial, o autor defende a eliminação de barreiras quantitativas ao comércio, a substituição de barreiras não-tarifárias por tarifas de importação, e a redução progressiva destas. Williamson (2004) aponta dois motivos pelos quais a proteção por tarifas de importação é menos nociva à eficiência econômica do que por barreiras não-tarifárias. Primeiro, porque as tarifas rendem receitas monetárias para o governo, e não para determinados agentes importadores privilegiados. Segundo, porque a eliminação de barreiras quantitativas à importação permite que a variação do volume de bens importados responda a choques que elevem sua demanda doméstica. Para o autor, a liberalização comercial não eliminaria empregos nas economias latino-americanas, porque o próprio protecionismo já consistiria em um sistema mais nocivo à empregabilidade do que o comércio internacional, devido à ineficiência econômica que acarreta. Além disso, qualquer potencial desequilíbrio externo poderia ser corrigido por uma política cambial adequada.

A partir do final da década de oitenta, praticamente todos os países latino-americanos adotaram medidas e reformas econômicas de acordo com os preceitos do Consenso de Washington. Contudo, mesmo apresentando taxas de crescimento superiores as da “década perdida”, as economias latino-americanas apresentaram crescimento inferior ao obtido no auge do modelo de ISI, e também inferior a

⁴ Segundo o autor (CARNEIRO, 2002, pg. 311), “A abertura seria uma via de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que levaria uma maior concorrência nos mercados locais, também permitiria o acesso mais fácil aos mercados externos, isto é, o aumento de produtividade permitiria abrir novos mercados via aumento de produtividade.”

dos demais países em desenvolvimento, como os asiáticos. Além disso, o ritmo do desenvolvimento econômico foi muito desigual entre os países, sendo, por exemplo, mais pronunciado no Chile e no México do que na Argentina e na Bolívia. Tais fatos acarretaram em algumas justificativas, e muitas críticas ao Consenso de Washington original, por parte de diversos autores.

Em primeiro lugar, como é defendido por autores como Giambiagi & Almeida (2003), as reformas estruturais realizadas não tiveram o impacto desejado sobre as economias latino-americanas simplesmente porque foram muito tímidas, sem a profundidade necessária para consolidar o novo modelo de desenvolvimento.

Em segundo lugar, autores como Joseph Stiglitz (1998 e 2004) apontam que o Consenso de Washington parece seguir mais um dogmatismo liberalizante do que de fato uma nova agenda de políticas e reformas para o desenvolvimento. Conforme esses autores⁵, a liberalização econômica é insuficiente para a retomada de crescimento na América Latina. De maneira complementar às dez proposições levantadas por Williamson, se fazem necessárias uma segunda geração de reformas estruturais, focadas em fatores mais correlacionados com o crescimento econômico de longo prazo, tais como a qualidade das instituições, a melhoria dos serviços públicos e os investimentos em capital humano.

Em terceiro lugar, autores como Dani Rodrik (2002 e 2006) aceitam o Consenso de Washington como um conjunto básico de sugestões de políticas e reformas econômicas na América Latina. Todavia, não é possível haver um conjunto único de políticas econômicas infalíveis para um conjunto de economias tão heterogêneas como as dos países latino-americanos. Segundo Williamson (2004, pg. 15), Rodrik é pessimista em relação ao Consenso de Washington porque:

... it offers too broad an agenda of institutional reform that is insensitive to local context and needs. It describes what advanced countries look like rather than prescribing a practical path for getting there. He argues that the aim should be to provide an alternative set of policy guidelines for promoting development, while avoiding offering another impractical blueprint that is supposed to be right for all countries at all times.

Assim, o autor sugere a combinação de políticas macroeconômicas de cunho ortodoxo, tais como as descritas no trabalho de Williamson, com uma série de estratégias institucionais de cunho heterodoxo, aplicadas a cada contexto econômico nacional, de nível individual e específico⁶.

Contudo, uma outra fonte de críticas, que é exatamente o ponto principal do presente trabalho, refere-se à possibilidade das economias latino-americanas, operando em um arranjo de livre comércio internacional, voltarem a se tornar exportadoras de bens primários, e até mesmo se “desindustrializar”. Remetendo à teoria de Raúl Prebisch, com preposições formalizadas por Thirwall & Mc Combie (1994), como a demanda por bens primários é menos elástica do que a demanda por bens industriais em relação a preços e renda, poderia haver o risco da demanda interna dos países latino-americanos por importações ter uma tendência estrutural de crescer em ritmo superior ao da demanda internacional por suas exportações, provocando um desequilíbrio externo capaz de, inclusive, comprometer o seu crescimento econômico. Estudos empíricos nessa direção já foram realizados por MORENO-BRID (2003), para as economias da América Central, por PACHECO-LÓPEZ (2005), para a economia

⁵ O próprio Williamson (2004) concordou, em parte, com essa crítica.

⁶ Como diz THORP (1998, pg. 289), “*Não se pode considerar surpreendente a conclusão de que, em relação às novas políticas, “tudo depende”. É evidente que depende – de instituições e capacidades preexistentes, da experiência adquirida e da base política. Embora tenham sido importantes as reformas macroeconômicas que deram o impulso inicial ao novo paradigma, resta muito a fazer sob o aspecto microeconômico e institucional para avançar rumo ao crescimento com equidade.*”

mexicana, e por PACHECO-LÓPEZ & THIRWALL (2005), para a América Latina como um todo. Todos esses estudos apontam que a possibilidade do crescimento das economias latino-americanas ser restringido por desequilíbrios na balança de pagamentos, caso essas economias voltem a se especializar na exportação de bens primários, é real e problemática.

3 – Crescimento Econômico e Restrições na Balança de Pagamentos: o Modelo de Thirlwall

Segundo a teoria macroeconômica pós-keynesiana o crescimento econômico é visto como liderado pelos fatores relacionados ao lado da demanda agregada, em relação a qual, dentro de certos limites, a oferta se ajusta. Nas economias abertas, o principal componente autônomo da demanda agregada são as exportações, e, por isso, são consideradas por muitos autores como o principal componente dinâmico das economias⁷. Segundo Harrod (1933), um país enfrentará desequilíbrios comerciais ao longo de seu crescimento do produto se a elasticidade-renda da sua demanda por importações for superior à elasticidade-renda da demanda externa por suas exportações.

Em outras palavras, as restrições na balança de pagamentos ocorrem em uma economia quando a sua demanda interna por importações tende a crescer estruturalmente em um ritmo superior à demanda internacional por exportações. Tal problema acaba por constituir em um obstáculo para o crescimento econômico, já que, nesses casos, a política econômica – fiscal e monetária – acaba sendo utilizada para controlar esses desequilíbrios comerciais, restringindo a demanda doméstica, que guia o processo de crescimento segundo a teoria aqui apresentada. Thirlwall & Mc Combie (1994, pg. 233) descrevem a existência de um círculo vicioso na economia, caso a mesma seja constantemente afetada por desequilíbrios na balança de pagamentos:

If a country gets into balance-of-payments difficulties as it expands demand before the short-term capacity growth rate is reached, then demand must be curtailed; supply is never fully utilized; investment is discouraged; technological progress is slowed down, and a country's goods compared with foreign goods become less desirable so worsening the balance of payments still further, and so on. A vicious circle is started. By contrast, if a country is able to expand demand up to the level of existing productive capacity, without balance-of-payments difficulties arising, the pressure of demand upon capacity may well raise the capacity growth rate.

Os autores apontam quatro mecanismos que associam o crescimento do volume de exportações com o crescimento dos fatores ligados à oferta agregada em uma economia. Em primeiro lugar, o crescimento das exportações cria um ambiente econômico propício para novos negócios, o que estimula novos investimentos, e isso acelera a acumulação de capital e o progresso tecnológico. Em segundo lugar, ao criar um ambiente propício para novos negócios, o crescimento das exportações incentiva a entrada de novos trabalhadores no mercado de trabalho, e ainda incentiva a transferência de recursos produtivos para os setores mais produtivos da economia. Por fim, o crescimento das exportações permite financiar um crescimento das importações, o que eleva o bem-estar interno (no caso de bens de consumo), e estimula novos investimentos (no caso de bens de capital).

Formalizando o modelo de Thirlwall, uma balança de pagamentos em equilíbrio apresenta a seguinte igualdade:

⁷ De acordo com Thirlwall & Mc Combie (1994, pg. 233), “It is this argument that lies behind the advocacy of export-led growth, because it is only through the expansion of exports that the growth rate can be raised without the balance of payments deteriorating at the same time.”. Isso porque, como afirma a teoria macroeconômica, o crescimento da absorção interna tende a elevar a demanda por importações.

$$P_d X = P_f M E \quad (1)$$

Em que X representa o volume de exportações, P_d equivale ao preço das exportações em moeda doméstica, M é o volume de importações, P_f é o preço das importações em moeda estrangeira, e E mensura a taxa de câmbio.

Em termos dinâmicos, supõe-se que um ritmo de crescimento com equilíbrio na balança de pagamentos exige que a variação do valor das exportações seja igual à variação no valor das importações. Passando (1) para logaritmos, tem-se:

$$p_d + x = p_f + m + e \quad (2)$$

A demanda interna por importações, assim como a demanda externa por exportações depende dos preços relativos dos produtos domésticos e dos produtos estrangeiros, e da renda doméstica (Y) e estrangeira (Z):

$$M = a (P_f E / P_d)^\psi Y^\pi \quad (3)$$

$$X = b (P_d / P_f E)^\eta Z^\varepsilon \quad (4)$$

Em que “ a ” e “ b ” são constantes, ψ é a elasticidade-preço das importações, e π é a elasticidade-renda da demanda por importações, η é a elasticidade-preço das exportações, e ε é a elasticidade-renda da demanda internacional pelas exportações domésticas⁸. Passando para logaritmos:

$$m = \psi (p_f + e - p_d) + \pi y \quad (5)$$

$$x = \eta (p_d - p_f - e) + \varepsilon z \quad (6)$$

Substituindo (4) e (6) em (2) e resolvendo para y , pode-se encontrar a taxa de crescimento econômico compatível com um equilíbrio na balança de pagamentos, y_{BP} :

$$y_{BP} = [(1 + \eta + \psi) (p_d - p_f - e) + \varepsilon z] / \pi \quad (7)$$

Por simplificação, pode-se assumir que os preços relativos dos bens domésticos e estrangeiros são constantes no longo prazo, de modo que há uma convergência nas taxas de inflação nacional e internacional ($p_d - p_f = 0$). Pode-se assumir também que as desvalorizações cambiais não são permanentes ($e = 0$). Assim, tem-se que:

$$y_{BP} = \varepsilon z / \pi = x / \pi \quad (8)$$

A equação (8) é denominada de Lei de Thirlwall, e afirma que a taxa de crescimento em equilíbrio da balança de pagamentos de cada economia é uma função direta da elasticidade-renda da demanda externa por suas exportações e da renda internacional, isto é, do valor total exportado, e uma função inversa da elasticidade-renda da sua demanda por importações.

⁸ Observa-se que os sinais dos parâmetros das elasticidades presentes no modelo seguem os pressupostos básicos de uma curva de demanda tradicional. As elasticidades-preço das exportações e importações são negativas, e as elasticidades-renda da demanda por bens exportados e importados são positivas. Então, $\eta < 0$, $\psi < 0$, $\varepsilon > 0$ e $\pi > 0$.

O modelo adotado para a estimação empírica da lei de Thirlwall na América Latina foi desenvolvido por Moreno-Brid & Pérez (2003), em seu estudo sobre os países da América Central. Esse modelo representa as equações (5) e (6) como, respectivamente:

$$\ln(m_t) = a_0 + \pi \ln(y_t) + \psi \ln(P_{m_t} / P_{d_t}) + u_t \quad (9)$$

$$\ln(x_t) = b_0 + \varepsilon \ln(z_t) + \eta \ln(P_{x_t} / P^*_t) + u_t \quad (10)$$

Como proxy para os termos de intercâmbio (os termos P_{m_t} / P_{d_t} e P_{x_t} / P^*_t), os autores recomendam o uso da taxa de câmbio real (EP^*/P), em que E é o câmbio nominal, P^* é o nível internacional de preços, e P são os preços internos. Para simplificar a estimação, como proxy para P^* foi utilizado o nível de preços nos Estados Unidos. Já a renda externa, Z_t , foi mensurada como o somatório do PIB a preços constantes de 2000, dos principais parceiros comerciais externos da América Latina⁹.

4 – Metodologia e Dados

A metodologia adotada no presente trabalho é a estimação por dados em painel. Essa metodologia consiste na combinação de observações *cross-section* e de séries temporais. Assim, acompanha-se o comportamento das variáveis relacionadas aos mesmos indivíduos observados (no caso, os países da América Latina) ao longo de um determinado período de tempo.

O uso de métodos de estimação por painel, ao invés de se estimar *cross-sections* agrupadas entre todos os países selecionados na amostra – como é mais comum nos estudos empíricos envolvendo o modelo de Thirlwall – trás uma série de vantagens. Em primeiro lugar, permite o controle de heterogeneidades entre os países observados, isto é, variáveis específicas a cada caso, o que poderia levar a viés nos resultados da estimação por *cross-section* ou por séries temporais. Esse problema é muito importante para estudos macroeconômicos sobre a região, os quais precisam levar em conta as peculiaridades econômicas específicas entre países estruturalmente muito distintos, tais como o Brasil e a Bolívia, ou então as ilhas caribenhas, por exemplo. Em segundo lugar, o uso de painel para estimções empíricas macroeconômicas, por acrescentar observações de *cross-section* às tradicionais séries temporais individuais, permite a inclusão de uma maior variabilidade nos dados coletados.

O presente estudo adota dois modelos distintos de estimação por dados em painel: o modelo de primeiras diferenças, e o modelo de efeitos fixos. Basicamente, ambos modelos partem do pressuposto de que quaisquer efeitos fixos no tempo relacionados às observações individuais em *cross-section* são correlacionados com os regressores. Por isso, a estimação de um modelo diretamente por mínimos quadrados ordinários empilhados (MQOE) poderia levar a um viés de heterogeneidade, provocado pela exclusão do modelo de uma variável relevante, por ser constante no tempo, que afeta parte da sensibilidade dos regressores em relação à variável dependente do modelo.

O procedimento de primeira diferenciação elimina o efeito-fixo do modelo pela subtração da equação estrutural do modelo em um cada período de tempo pelo sua primeira defasagem. Contudo, esse modelo exige que Δx_i seja não-correlacionado com Δu_i , o que eliminaria o caso da série temporal aqui presente ser auto-regressiva. Além disso, é necessário que Δx_i tenha variabilidade ao longo do

⁹ Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Espanha, Japão e China.

tempo, e que os erros sejam homoscedásticos. Se os erros forem heteroscedásticos, deve-se corrigi-los pelo uso de estimadores de mínimos quadrados generalizados factíveis.

O procedimento de efeitos-fixos, por sua vez subtrai cada equação estrutural de sua média ao longo do tempo. Porém, esse método exige que os erros sejam não-correlacionados com os regressores em todos os períodos de tempo (hipótese de exogeneidade estrita). Além disso, supõe-se que os erros sejam homoscedásticos e que não apresentem correlação serial. Caso essa hipótese seja satisfeita, a estimação por efeitos fixos é eficiente para dados em painel. Contudo, principalmente em modelos com muitos períodos de tempo e poucos indivíduos observados, essa hipótese pode ser forte demais.

A amostra compreende 30 países da América Latina e Caribe, incluindo todos os países sul-americanos e centro-americanos independentes, e todos os Estados soberanos do Caribe (com a exceção de Cuba e Barbados).

Os dados, anuais, utilizados na presente estimação foram coletados em três bases distintas: o Anuário Estatístico da América Latina e do Caribe (2006), da CEPAL; o World Economic Outlook Database for October 2007, do FMI; e o Statistical Databases, da ONU. O período de análise vai de 1980 a 2005.

As variáveis incluídas no trabalho estão descritas nos quadros abaixo:

Quadro 1: Variáveis Dependentes

Variável	Descrição	Observações
ln_exp	Logaritmo do valor total das exportações de bens e de serviços de cada país, em dólares.	Fonte: CEPAL
ln_imp	Logaritmo do valor total das importações de bens e de serviços de cada país, em dólares.	Fonte: CEPAL

Fonte: Elaboração própria

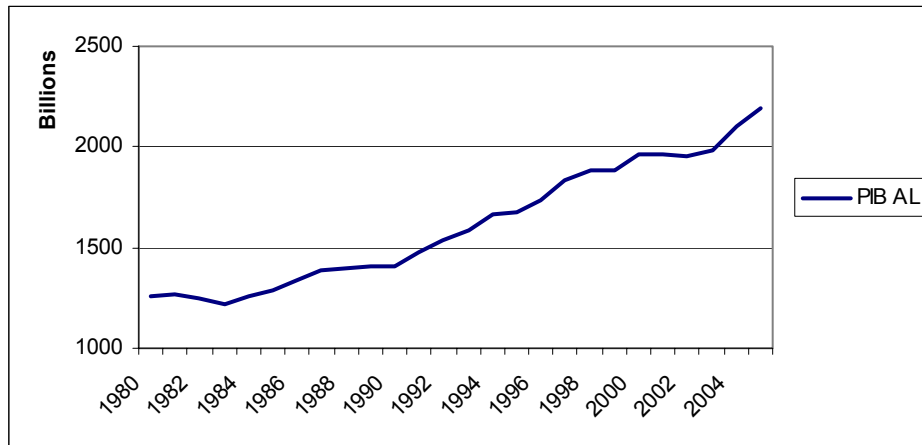
Quadro 2: Variáveis Independentes

Variável	Descrição	Observações
ln_pib	Logaritmo do produto interno bruto de cada país, a preços constantes (dólares de 2000).	Fonte: ONU, coletado pelo Banco Mundial
ln_pib_ext	Logaritmo do produto interno bruto do principais parceiros comerciais da América Latina, a preços constantes (dólares de 2000).	Somatório do PIB de EUA, Japão, Alemanha, China, Reino Unido, França e Espanha. Fonte: ONU, coletado pelo Banco Mundial
nivel_precos	Índice de nível de preços ao consumidor, para cada país (2000=100).	Fonte: FMI
precos_eua	Nível de preços nos Estados Unidos.	Proxy para mensurar o nível internacional de preços. Fonte: FMI
cambio_n	Câmbio nominal em moedas nacionais por dólar, média anual.	Fonte: FMI
ln_cambio_r	Logaritmo do câmbio real.	Proxy para mensurar os termos de troca de cada país. Igual ao log [(precos_eua X cambio_n) / nivel_precos]

Fonte: Elaboração própria

Ao longo do período analisado (1980-2005), a economia latino-americana cresceu a uma taxa média de 2,59% ao ano. Na década de 80, essa taxa foi de apenas 1,83%, ao passo que no período a partir de 1990, subiu para 3,02%. Dos 30 países da amostra, os que apresentaram maior crescimento médio anual foram Belize (5,24%) e Chile (4,82%). Já os que menos cresceram foram o Haiti, que apresentou uma recessão média anual de 0,77% no período, e a Guiana, com crescimento médio de 0,59% ao ano.

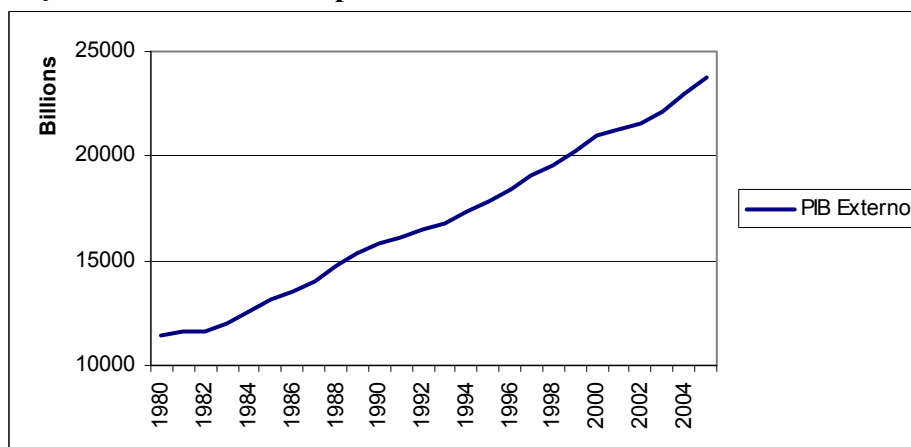
Gráfico 1: Evolução do PIB agregado na América Latina (1980-2005)



Fonte: ONU

O PIB agregado dos principais parceiros comerciais da América Latina cresceu em média 2,94% ao ano no período, maior na década de 80 (3,31%), do que no período posterior (2,74%). Isso pode-se explicar pela desaceleração do crescimento econômico do Japão, da França e da Alemanha a partir da década de 90.

Gráfico 2: Evolução do PIB dos Principais Parceiros Comerciais da América Latina (1980-2005)

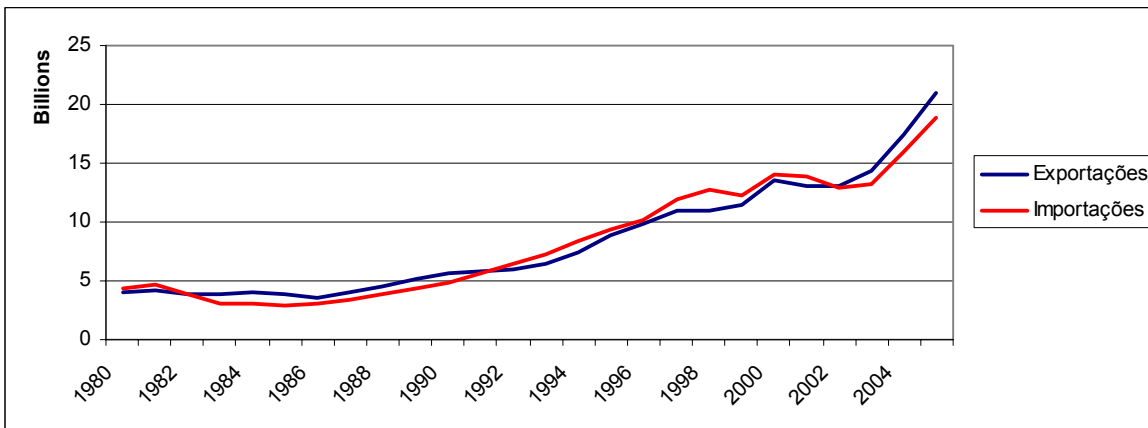


Fonte: ONU

No que diz respeito à evolução do saldo comercial da América Latina no período, pode-se observar quatro períodos distintos. No início da década de 80, houve um déficit, provocado pelo choque do petróleo e pelos seus efeitos sobre o valor das importações. Ao longo da década de 80, houve o ajuste, realizado por políticas de contenção de demanda agregada em grande parte dos países da região. Em meados da década de 90, com a estabilização monetária nos países, muitas vezes fundamentada pela valorização cambial, suas economias atravessaram novos déficits, financiados por

fluxos financeiros externos. A partir de 1999, com a mudança do padrão cambial brasileiro, essa situação começou a mudar novamente, e a partir de 2002, com o ajuste argentino, a situação voltou a ser de superávit, como mostra o seguinte gráfico:

Gráfico 3: Evolução do Saldo Comercial da América Latina (1980-2005)



Fonte: CEPAL

No que diz respeito à taxa de câmbio, destaca-se que uma série de países da amostra utilizou arranjos cambiais fixos ao longo do período estudado. Esses países são: Antígua e Barbuda, Bahamas, Belize, Chile (até 1981), Dominica, República Dominicana (até 1984), Equador (até 1981, e de 2001 a 2005), El Salvador (até 1985, de 1987 a 1989 e de 1995 a 2005), Granada, Guatemala (até 1985), Haiti (até 1990), Honduras (até 1989), Jamaica (até 1982), Panamá, Paraguai (até 1983, e de 1987 a 1988), São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname (até 1993, e de 1996 a 1998) e Trindade e Tobago (câmbio fixo ajustável).

5 – Resultados Empíricos

Conforme sugerido por Pacheco-López & Thirlwall (2006), antes de se efetuar a estimação agregada dos parâmetros, utilizou-se regressões por mínimos quadrados ordinários para cada país individualmente. O objetivo é descobrir quais países observados apresentam problemas de estimação específicos, principalmente a não-significância do parâmetro π , e se necessário, excluí-los da amostra para as estimações com o uso de técnicas mais refinadas para dados em painel. Devido à presença de autocorrelação serial, as estimativas dos erros-padrão foram realizadas de forma robusta.

Dos países da amostra, apenas as Bahamas tiveram seu parâmetro π (elasticidade-renda da demanda por importações) não significativa a 5% de significância, e foram excluídas da amostra. Por outro lado, o Haiti apresentou um valor negativo para a elasticidade-renda da demanda por importações. Como isso é não-intuitivo em termos macroeconômicos, já que importações tradicionalmente não consistem em bens inferiores, sobretudo em países pobres que importam bens industrializados, esse cálculo deve estar afetado por erros de mensuração. Por isso, o país também foi excluído da amostra.

Um problema observado em muitos dos países da amostra é a não-significância do parâmetro da taxa de câmbio real a 10%¹⁰. Moreno-Brid & Pérez (2003), que se depararam com o mesmo problema em seu estudo sobre as economias centro-americanas, apontam três motivos para esse fato. Em primeiro lugar, devido a pouca variabilidade nos dados sobre o câmbio, sobretudo nas economias com câmbio nominal fixo. Em segundo lugar, pelo possível menor sensibilidade do câmbio real ao comércio internacional do que a outros fatores (como aos movimentos de capital em investimentos de portfólio). Por fim, em terceiro lugar, devido ao fato de que, em um horizonte de longo prazo, os fatores nominais têm menos impacto sobre os determinantes de oferta e demanda por importações do que os fatores reais. E ainda, em países de instituições econômicas mais frágeis, é comum a existência de erros de medida. Foram excluídos da amostra os países cujos parâmetros cambiais foram não-significativos a 10% em ambas as equações, e cuja a existência de erros de medida é considerada mais provável: Granada, São Vicente e Granadinas e Suriname¹¹. No agregado, a não significância dos parâmetros cambiais desses países pode levar a viés e heterogeneidade à estimativa por MQOE. Observa-se que, na presença de autocorrelação serial, todos os resultados foram obtidos via estimação robusta.

Além desses fatores, aponta-se, particularmente a esse trabalho, o uso do nível de preços norte-americanos como proxy adotada para o preço internacional dos produtos domésticos e estrangeiros nas equações. Talvez, países que apresentem maiores laços comerciais com outros países que não os Estados Unidos sejam mais sensíveis à variações no nível de preços nesses países.

Já com a amostra ajustada, o primeiro modelo estimado foi o de mínimos quadrados ordinários empilhados (MQOE), mais comum na bibliografia sobre estudos empíricos do modelo de Thirwall. Devido à presença de autocorrelação nos resíduos de ambas equações, foi utilizada a estimação robusta dos erros-padrão. Os resultados encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 1 – Resultados das Estimativas por MQOE

Variável	a0	π	ψ	b0	ε	η
Coef.	4.2* (0.223)	0.761* (0.01)	0.011 (0.008)	-56.239* (9.211)	2.532* (0.303)	0.202* (0.022)
	n obs.	632		n obs.	632	
	R2	0.9148		R2	0.1822	

Fonte: Elaboração própria

* Valor significativo a 1%

** Valor significativo a 5%

*** Valor significativo a 10%.

Como pode-se ver, o parâmetro da sensibilidade da demanda por importações em relação às variações do câmbio real não foi significativa, no agregado para a região. Nesse caso, isso pode refletir a presença de correlação entre os regressores e determinados efeitos fixos não observados, que, por estarem inclusos no termo de erro da estimação, provocam viés de endogeneidade no modelo. Esse viés, para modelos de painel, é chamado de viés de heterogeneidade, provocado pela omissão de variáveis que controlem as características individuais de cada observação fixas ao longo do tempo.

¹⁰ Para a equação de demanda por importações, Bolívia, República Dominicana, Granada, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trindade e Tobago. Para a equação de exportações, Bolívia, Colômbia, El Salvador, Granada, Honduras, Jamaica, Paraguai, Peru, São Vicente e Granadinas e Suriname.

¹¹ Granada sofreu guerra civil e invasão militar estrangeira na década de 80; o Suriname sofre cronicamente com problemas de contrabando em suas fronteiras; a economia de São Vicente e Granadinas é periodicamente abalada por desastres naturais. Como o tamanho dessas economias é muito pequeno em relação ao resto da região, espera-se que suas exclusões não afete os resultados das estimações agregadas.

Como forma de se controlar o viés de heterogeneidade, que reduz a significância dos parâmetros estimados por MQOE, utilizou-se, no presente trabalho, uma técnica mais refinada de dados em painel, que é a estimação pelas primeiras diferenças. Devido à continuidade da autocorrelação serial na equação da demanda por importações, a mesma foi estimada de maneira robusta. Seus resultados encontram-se na tabela a seguir:

Tabela 2: Resultados das Estimativas por Primeiras Diferenças

Variável	a0	π	ψ	b0	ε	η
Coef.	0.002 (0.006)	2.065* (0.111)	-0.14* (0.027)	-0.037** (0.016)	3.508* (0.497)	-0.092** (0.025)
n obs.	605			605		
R2	0.4073			0.0967		

Fonte: Elaboração própria

* Valor significativo a 1%

** Valor significativo a 5%

*** Valor significativo a 10%.

Como pode-se observar, a constante da equação de demanda por importações não foi significativa, o que intuitivamente indica que os países da América Latina e do Caribe, em geral, não têm acesso a mecanismos de crédito e de financiamento externo para suas importações, e dependem predominantemente do valor de sua produção interna para financiá-las.

Tentou-se aplicar, em ambas as equações, *dummies* para cada ano analisado. Contudo, a significância da maioria dos parâmetros dessas *dummies* não foi suficiente para justificá-las. Além disso, na equação da demanda externa por exportações, houve colinearidade entre essas *dummies* e a variável explicativa que mensura a renda internacional. Isso indica que a maior parte dos choques aleatórios que a demanda por exportações recebe decorre de variações no PIB dos países desenvolvidos, principalmente em períodos de recessão.

Uma alternativa mais eficiente do que a estimação por primeiras diferenças, sob a hipótese de exogeneidade dos regressores com os fatores individuais, para dados em painel, é a estimação por efeitos fixos (EF):

Tabela 3: Resultados das Estimativas por Efeitos Fixos

Variável	a0	π	ψ	b0	ε	η
Média	-2.353 (1.635)	1.062* (0.072)	-0.182* (0.03)	-44.891* (3.032)	2.191* (0.1)	-0.054 (0.036)
n obs.	632			632		
corr(u_i, Xb)	-0.775			-0.086		

Fonte: Elaboração própria

* Valor significativo a 1%

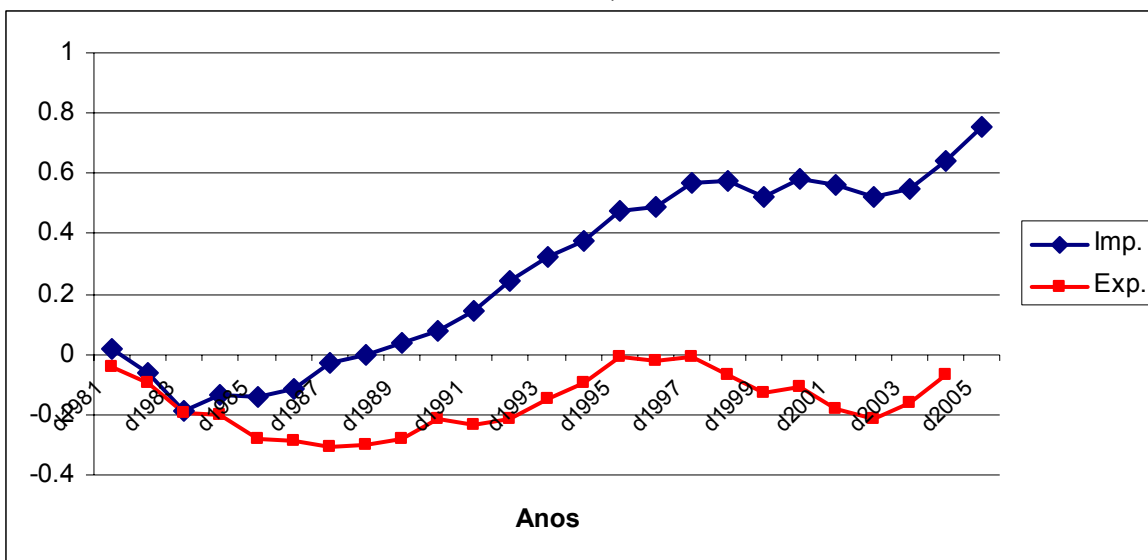
** Valor significativo a 5%

*** Valor significativo a 10%.

Ao contrário do que ocorreu no modelo de primeira diferenciação, aqui as *dummies* temporais foram significantes. Principalmente, na equação de demanda por importações, pôde-se observar uma tendência a partir dos anos noventa de elevação autônoma da variação das importações, não relacionada com fatores cambiais, ou de crescimento da renda dos países latino-americanos e caribenhos. O termo constante dessa equação continuou não sendo significativo, pelas mesmas razões

descritas anteriormente. Na equação de demanda por exportações, por outro lado, pôde-se perceber que as *dummies* foram, em sua totalidade, negativas:

Gráfico 4: Evolução dos Coeficientes das Dummies Anuais, Estimadas por Efeitos Fixos (1980-2005)



Fonte: Elaboração Própria

Além disso, foram mais significantes no período de 1983 a 1993, o qual, não coincidentemente, foi uma década em que as exportações de muitos países latino-americanos foram prejudicadas pelo descontrole inflacionário, que tira sua competitividade nos mercados estrangeiros. Isso ainda poderia explicar a não-significância da sensibilidade das exportações ao câmbio real no modelo estimado. Contudo, a correlação foi testada, e concluiu-se que, na verdade, as *dummies* temporais estavam correlacionadas com a elasticidade-renda estrangeira por exportações. Isso significa que a maior parte dos choques exógenos recebidos sobre as exportações latino-americanas e caribenhas têm origem nas flutuações do PIB internacional.

Por causa desses motivos, além do fato de que as dummies na equação de demanda por importações absorvem parte da significância do parâmetro da elasticidade-renda, optou-se por excluí-las das previsões realizadas sobre a tendência de crescimento econômico restringido pela balança comercial na América Latina e Caribe, realizadas a seguir. O modelo sem as dummies apresenta os seguintes resultados:

Tabela 4: Resultados das Estimativas por Efeitos Fixos sem as Dummies Temporais

Variável	a0	π	ψ	b0	ϵ	η
Média	-24.571*	2.037*	-0.121*	-49.937*	2.359*	-0.121*
	(0.853)	(0.038)	(0.033)	(1.475)	(0.05)	(0.037)
n obs.	632			632		
corr(u _i , X _b)	-0.985			-0.238		

Fonte: Elaboração própria

* Valor significativo a 1%

** Valor significativo a 5%

*** Valor significativo a 10%.

Para comparar os três procedimentos utilizados para estimar o modelo de Thirlwall para a América Latina e Caribe, foi utilizado o desvio da taxa de crescimento de equilíbrio da balança de pagamentos (y_b) da taxa de crescimento média de cada país observada no período. Além disso, foi realizado o teste Mc Combie, que consiste em calcular a elasticidade-renda da demanda interna por importações consistente para o caso em que o crescimento real observado é igual ao crescimento compatível com equilíbrio na balança de pagamentos. Os resultados estão na tabela a seguir:

Tabela 5: Previsões e Desvios da Taxa de Crescimento de Equilíbrio em BP para todos os Modelos Estimados

Método	x	π	y_b	y	$y-y_b$	π^*
MQOE	6.098%	0.761	8.014%	2.713%	-5.301%	2.248
PD sem dummies	6.098%	2.065	2.953%	2.713%	-0.240%	2.248
EF com dummies	6.098%	1.0618	5.743%	2.713%	-3.031%	2.248
EF sem dummies	6.098%	2.037	2.993%	2.713%	-0.280%	2.248

Fonte: Elaboração própria

x = crescimento médio das exportações por país

π = elasticidade-renda da demanda interna por importações

y_b = taxa de crescimento compatível com equilíbrio na balança de pagamentos (ver (10))

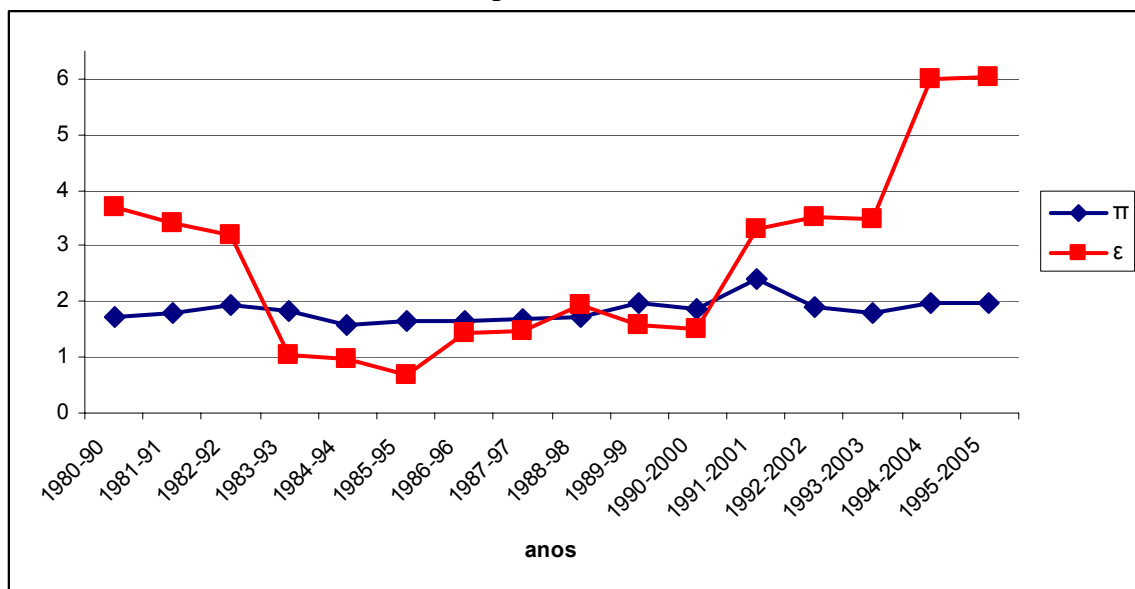
y = taxa média de crescimento do PIB anual por país

$y - y_b$ = desvio entre a taxa observada e a taxa prevista média de crescimento do PIB

$\pi^* = x/y$ = elasticidade-renda da demanda interna necessária para $y = y_b$

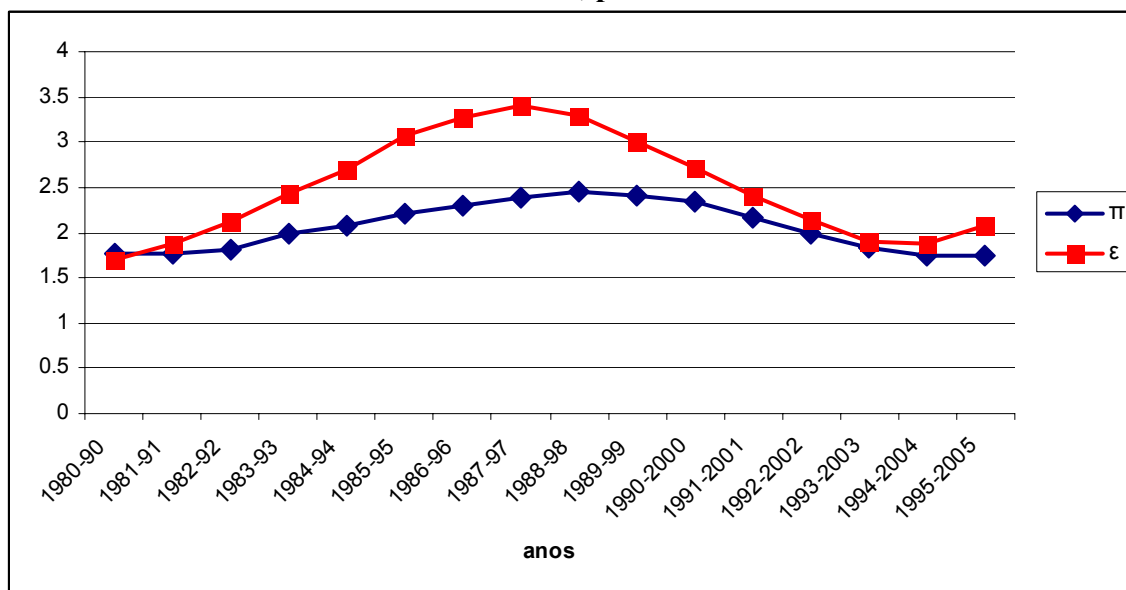
Em seguida, foi analisada, sob a ótica da estimativa por primeiras diferenças e por efeitos fixos sem as dummies anuais, da dinâmica de longo prazo das elasticidades-renda das importações e das exportações para a América Latina e Caribe como um todo. Tal procedimento foi utilizado em muitas das estimativas do modelo de Thirlwall & Mc Combie para a região, como em Perez & Moreno-Brid (2003) e Pacheco-López & Thirlwall (2005 e 2006). Os resultados formam os gráficos a seguir:

Gráfico 5: Evolução das Elasticidades-Renda por Importações e Exportações na América Latina e no Caribe, por Primeiras Diferenças



Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 6: Evolução das Elasticidades-Renda por Importações e Exportações na América Latina e no Caribe, por Efeitos Fixos



Fonte: Elaboração própria

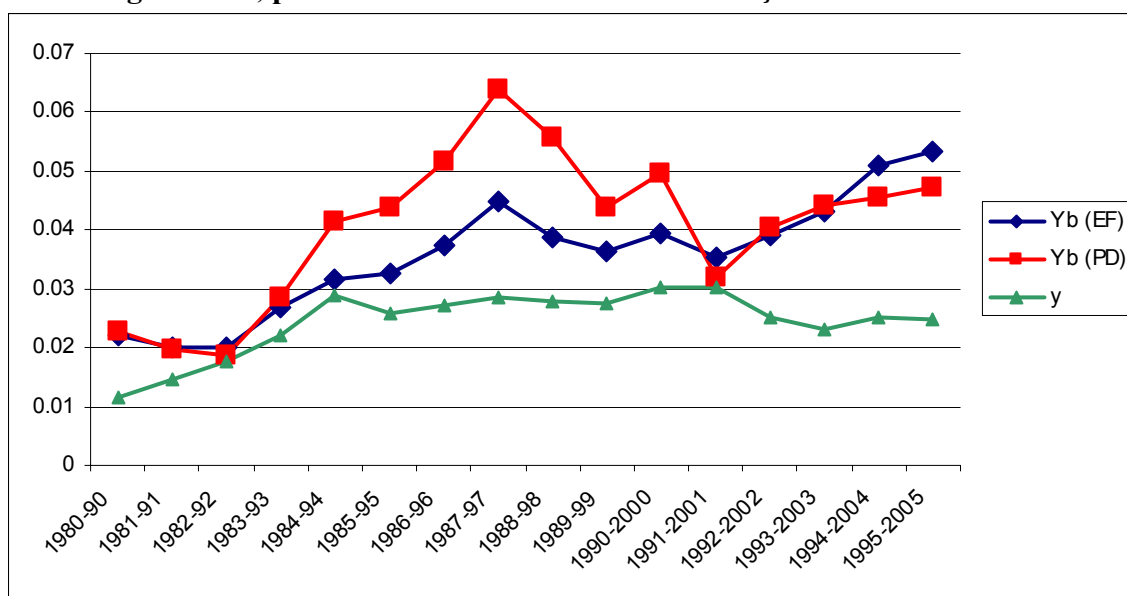
A elasticidade-renda das importações manteve um comportamento muito mais estável do que a elasticidade-renda das exportações ao longo do período analisado. MORENO-BRID & PÉREZ (2003) apontam três motivos que explicam esse fato. Primeiro, a adoção de políticas de estímulo às exportações, como substituição à tradicional proteção à produção doméstica. Segundo, mudanças na pauta de exportações dos países, para bens com maior valor e tecnologia agregada, isto é, com maior elasticidade-renda para a sua demanda¹². Por fim, a própria política de liberalização comercial pode afetar a elasticidade das exportações. Contudo, deve-se destacar que ambos os fatores são individuais para cada país; para a América Latina como um todo, não há evidências de que um desses três fatores, seja predominante¹³.

Pelos valores dos coeficientes de elasticidade-renda da demanda por importações obtidos e da taxa média de crescimento das exportações, pôde-se realizar uma previsão da taxa de crescimento de equilíbrio em balança de pagamentos para cada período. Além disso, comparou-se essa taxa, obtida tanto pelos modelos de primeiras diferenças (PD) e efeitos fixos (EF) com a taxa real observada de crescimento econômico da América Latina e Caribe (y):

¹² Os autores destacam o caso da Costa Rica, que deixou de ser um exportador de bens primários para se tornar um exportador de computadores, recebendo filiais de empresas estrangeiras da área via investimentos externos diretos.

¹³ A maior suavidade da dinâmica dos parâmetros estimados por efeitos fixos pode ser explicada pela própria natureza desses estimadores, que são mais sensíveis a choques autônomos do que sobre as variáveis explicativas. Ou então, os estimadores podem estar distorcidos pela autocorrelação serial à qual são muito sensíveis.

Gráfico 6: Crescimento Econômico Real e Compatível com Equilíbrio na Balança de Pagamentos, pelos Modelos de Primeiras Diferenças e de Efeitos Fixos



Fonte: Elaboração própria

Como se pode ver, as estimativas realizadas por ambos modelos convergiram nos períodos de 1980-90 a 1983-93 e de 1991-2001 até o presente, ao passo que, entre esses dois períodos, o modelo de primeiras diferenças exagerou a previsão de alta na taxa de crescimento de equilíbrio. Por outro lado, é visível que os países da América Latina e Caribe cresceram, nesse período, abaixo do seu potencial de equilíbrio em balança de pagamentos.

Por fim, para se verificar empiricamente o impacto da liberalização comercial sobre a balança de pagamentos de cada país da amostra, foi incluída uma *dummy* nos modelos nas equações (9) e (10), com valor igual a um a partir dos anos em que cada país adotou políticas de abertura comercial, e igual a zero nos anos anteriores:

$$\ln(m_t) = a_0 + \pi \ln(y_t) + \psi \ln(Pm_t / Pd_t) + \alpha (lib_t) + u_t \quad (11)$$

$$\ln(x_t) = b_0 + \varepsilon \ln(z_t) + \eta \ln(Px_t / P^*_t) + \beta (lib_t) + u_t \quad (12)$$

Espera-se que tal técnica econométrica permita a mensuração do crescimento autônomo das importações, conforme verificado no gráfico 4. O ano a partir do qual especificamente cada país da amostra recebeu valor igual a um referente a *dummy*, isto é, foi considerado país aberto, seguiu o trabalho anterior realizado por Pacheco-López & Thirlwall (2005):

Tabela 6: Ano de Liberalização Externa das Economias Latino-Americanas (1)

País	Ano de Liberalização Comercial
Argentina	1991
Bolívia	1985
Brasil	1991
Chile	1985
Colômbia	1986
Costa Rica	1986
República Dominicana	1991
Equador	1990
El Salvador	1989
Guatemala	1986
Honduras	1991
México	1986
Nicarágua	1991
Paraguai	1989
Peru	1991
Uruguai	1990
Venezuela	1989

Fonte: Pacheco-López & Thirlwall (2005)

Além desses países, no presente trabalho incluiu-se três novos indivíduos na amostra:

Tabela 7: Ano de Liberalização Externa das Economias Latino-Americanas (2)

País	Ano de Liberalização Comercial
Jamaica	1983
Panamá	1990
Trinidad & Tobago	1987

Fonte: Elaboração própria

Foram excluídos da amostra os países que, em todo o período de estudo, sempre foram abertos, isto é, nunca passaram por tentativas de substituição de importações. Todos esses países são ex-colônias britânicas que obtiveram independência pouco antes da década de oitenta: Antígua & Barbuda, Belize, Dominica, Guiana, São Cristóvão & Nevis e Santa Lúcia. Os resultados da estimação de (11) e (12) encontram-se na tabela abaixo:

Tabela 8: Estimavas das Equações (11) e (12) por Primeiras Diferenças

Variável	a0	π	ψ	α	b0	ε	η	β
Coef.	-0.025**	2.463*	-0.126*	0.032**	-0.122*	3.986*	-0.091*	0.095*
	(0.011)	(0.143)	(0.028)	(0.013)	(0.021)	(0.551)	(0.028)	(0.013)
n obs.	466				466			
R2	0.4798				0.1874			

Fonte: Elaboração própria

* Valor significativo a 1%

** Valor significativo a 5%

*** Valor significativo a 10%.

Tabela 9: Estimativas das Equações (11) e (12) por Efeitos Fixos

Variável	a0	π	ψ	α	b0	ε	η	β
Coef.	-28.111*	2.152*	-0.245*	0.195*	-53.134*	2.489*	-0.098**	-0.079***
	(1.315)	(0.056)	(0.032)	(0.031)	(2.722)	(0.09)	(0.04)	(0.046)
n obs.	486				486			
corr(u _i , Xb)	-0.9705				-0.1244			

Fonte: Elaboração própria

* Valor significativo a 1%

** Valor significativo a 5%

*** Valor significativo a 10%.

Os coeficientes da liberalização comercial obtidos pelos dois modelos permitem interpretações distintas. No modelo de primeiras diferenças, a liberalização está mais correlacionada com a equação de exportações, enquanto que no modelo de efeitos fixos, essa variável explica muito mais as importações. Contudo, é inquestionável o impacto da abertura comercial sobre a dinâmica do setor externo das economias da amostra.

6 – Considerações Finais

O presente trabalho procurou testar empiricamente a relação entre o crescimento econômico e o comércio internacional na América Latina e no Caribe no período recente. Ao contrário de estudos anteriores, que focalizavam sua análise empírica em séries temporais individuais para cada país, aqui procurou-se uma dimensão mais regional e agregada para o problema do crescimento econômico restringido pelos desequilíbrios comerciais. Por isso, testou-se o uso de técnicas para dados em painel, de modo a se obter parâmetros significantes em toda a região estudada, controlando-se os efeitos individuais. Com base nessa análise, pôde-se chegar às seguintes conclusões:

Em primeiro lugar, em termos de estimação e ajuste aos dados, as técnicas de dados em painel se mostraram muito superiores ao MQOE tradicional, já que controlam os efeitos fixos das observações individuais. Contudo, mesmo que a estimação de efeitos fixos tenha obtido resultados interessantes, sua consistência é muito sensível a violações de hipóteses, como a não-autocorrelação de resíduos, a homoscedasticidade e a exogeneidade estrita. Por isso, para fins de estimativas em painel para dados de nível nacional, para os quais essas hipóteses podem ser demasiadamente fortes, sugere-se o uso das primeiras diferenças.

Segundo, macroeconomicamente, com a abertura comercial dos países latino-americanos e caribenhos, tanto o volume de exportações como de importações cresceu, como era esperado. Do lado das exportações, o fator predominante foi a demanda externa, mensurada pelo PIB dos países desenvolvidos comercialmente mais próximos da América Latina. Do lado das importações, ao contrário do que a teoria de Thirlwall & Mc Combie afirma, o fator que mais contribuiu para o seu crescimento não foi um aumento da elasticidade-renda por importações, mas sim um crescimento autônomo, não correlacionado com as variáveis explicativas do modelo, a partir dos anos noventa, conforme foi captado pela estimação por efeitos fixos. Por outro lado, as variáveis cambiais, mesmo que significantes na maioria dos casos, tiveram papel secundário.

Por fim, como ficou claro pelos gráficos um e dois, a elasticidade-renda das exportações cresceu mais do que a das importações ao longo da década de noventa, após a abertura comercial. Isso ajudou a manter as economias latino-americanas mais afastadas da possibilidade de ter o seu crescimento

econômico sistematicamente restringido pelos desequilíbrios comerciais. Contudo, é impossível de se negar que as taxas de crescimento aqui observadas foram, em média, muito baixas, muito atrás de outros países em desenvolvimento, como os asiáticos. Na estimativa mais otimista, a taxa de crescimento de equilíbrio na América Latina chega aos 3% ao ano, ao passo que, os países do leste asiático crescem a taxas superiores a 8% ao ano.

Com esse comentário, não se quer aqui realizar apologia ao protecionismo a às políticas da época da Industrialização por Substituição de Importações, as quais já se mostraram obsoletas pelas suas próprias contradições e desequilíbrios. Contudo, pode-se reforçar as críticas de Joseph Stiglitz e Dani Rodrik ao Consenso de Washington e à abertura comercial como ela foi realizada. Como ressaltou Stiglitz, a liberalização pode ser necessária para se atingir a eficiência econômica, mas é insuficiente para garantir a retomada do desenvolvimento. Por isso, além das políticas recomendadas pelo Consenso, outras políticas nesse cunho – crescimento e desenvolvimento – devem ser tomadas. Além daquelas recomendadas pelo autor, adiciona-se aqui, a necessidade de políticas direcionadas ao incentivo e à competitividade das exportações latino-americanas. E essas políticas devem refletir a realidade da estrutura econômica de cada país individualmente, como muito bem ressaltou Rodrick, já que a América Latina e o Caribe são regiões demasiadamente heterogêneas para se pensar em soluções infalíveis, independentes de tempo e de espaço, para seus problemas econômicos.

Um ponto que se destaca, para futuras pesquisas, é compreender por que a América Latina e o Caribe cresceram, ao longo de todo o período de análise, abaixo do que foi estimado como a taxa de crescimento compatível com equilíbrio na balança de pagamentos. Por hipótese, esse problema pode estar relacionado com os ciclos de liquidez da economia internacional, ou pelo impacto que as reformas institucionais realizadas ao longo desse período tiveram sobre o ânimo dos empresários em investir no setor produtivo.

Referências Bibliográficas

BAER, Werner. Neo-Liberalism in Latin America – A Return to the Past? In: Financial Markets and Portfolio Management, vol. 16, n. 3, 2002.

BENECKE, D. & NASCIMENTO, R. O Consenso de Washington Revisado. In: Cadernos Adenauer, vol. 4, n. 2, 2003;

CARDOSO, E. & HELWEGE, A. Da Substituição de Importações à Liberalização do Comércio. In: A Economia da América Latina. 1993.

CARNEIRO, Ricardo. Desenvolvimento em Crise – A Economia Brasileira no Último Quarto do Século XX. Ed. UNESP, 2002;

COUTINHO, Luciano. A Fragilidade do Brasil em Face da Globalização. In: O Brasil e a Economia Global, 13ª tiragem, 1996.

HARROD, R. International Economics. (Cambridge: Cambridge University Press), 1933;

FRANCO, Gustavo. O Desafio Brasileiro – Ensaio sobre Desenvolvimento, Globalização e Moeda. Editora 34, 1999.

GIAMBIAGI, Fábio & ALMEIDA, Paulo Roberto. Morte do Consenso de Washington? Os Rumores a esse Respeito Parecem Muito Exagerados. IPEA, Texto para Discussão 103. Rio de Janeiro, outubro de 2003.

MC COMBIE, J. S. L. & THIRLWALL, Anthony. The Balance-of-Payments Constraint as an Explanation of International Growth Rate Differences. In: *Economic Growth and the Balance of Payments Constraint*, 1994;

MORENO-BRID, J.C. & PÉREZ, E. Trade Liberalization and Economic Growth in Central America. *Cepal Review* n.81, dezembro de 2003;

PACHECO-LÓPEZ, Penélope. The Effect of Trade Liberalisation on Exports, Imports, the Balance of Payments and Growth: The Case of Mexico. *Journal of Post Keynesian Economics*, 27 (4), pp.595-619, 2005;

PACHECO-LÓPEZ, Penélope & THIRLWALL, Anthony. Trade Liberalisation, the Balance of Payments and Growth in Latin America. Department of Economics, University of Kent, Working paper, No. 0505, 2005;

PACHECO-LÓPEZ, Penélope & THIRLWALL, Anthony. Trade Liberalisation, the Income Elasticity of Demand for Imports and Growth in Latin America. University of Kent, 2006;

PREBISCH, Raúl. El Desarrollo Económico de la América Latina y Algunos de Sus Principales Problemas. 1949. In: GURRIERI, A. La Obra de Prebisch en la Cepal. México: Fondo de Cultura Económico, cap. 1. 1982.

PREBISCH, Raúl. Crescimento, Desequilíbrio y Disparidades: Interpretación del Proceso de Desarrollo Económico. 1950. In: GURRIERI, A. La Obra de Prebisch en la Cepal. México: Fondo de Cultura Económico, cap. 2. 1982.

PREBISCH, Raúl. Problemas Teóricos e Prácticos del Crecimiento Económico. 1951. In: GURRIERI, A. La Obra de Prebisch en la Cepal. México: Fondo de Cultura Económico, cap. 3. 1982.

RODRIK, Dani. After Neoliberalism, What? Paper presented at the Alternatives to Neoliberalism Conference sponsored by the New Rules for Global Finance Coalition, May 23-24, 2002.

RODRIK, Dani. Goodbye Washington Consensus, Hello Washington Confusion? Paper prepared for the *Journal of Economic Literature*, Harvard University, 2006.

STIGLITZ, Joseph. More Instruments and Broader Goals: Moving Toward the Post-Washington Consensus. Paper presented at WIDER Annual Lecture (Helsinki, Finland), 1998.

STIGLITZ, Joseph. The Post Washington Consensus Consensus. Paper presented at a conference sponsored by Foundation CIDOB and the Initiative for Policy Dialogue held in Barcelona, September 2004.

THORP, R. Desempenho e Políticas no Novo Paradigma. In: *Progresso, Pobreza e Exclusão*. 1998.

WILLIAMSON, John. The Washington Consensus as Policy Prescription for Development. Lecture delivered in World Bank. 2004;

WOOLDRIDGE, J. M. Econometric Analysis of Cross Section and Panel Data. Ed. Thomson, 2006;

WOOLDRIDGE, J. M. Introdução à Econometria – Uma Abordagem Moderna. Ed. Thomson, 2006.